

DAISY CUNHA
ESTEVAM BARBOSA DE LAS CASAS

A PROFISSIONALIZAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO

Uma das preocupações primeiras desta coletânea foi reunir, tantas quantas fossem possíveis, as pesquisas e enquetes feitas sobre egressos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Egressos com ou sem a conclusão dos cursos de graduação. Notaremos que as pesquisas que conseguimos levantar não incluem o problema da evasão sem diploma, mas poderiam, já que sabemos que colocar em foco os egressos traz à tona o problema da evasão. Não reunimos todas, mas aqui estão contribuições essenciais de onde já podemos retirar alguns ensinamentos sobre a complexidade das escolhas e decisões profissionais, dos percursos de inserção e das estratégias laborais ao longo da construção de uma carreira profissional.

É preciso notar que esse tema articula absolutamente todos os nexos da formação superior, repõe questões sobre o ingresso, as escolhas profissionais de partida, traz luz ao percurso e as trajetórias escolares ao elucidar o fenômeno da evasão, os dilemas na orientação ao longo da formação tal como as escolhas curriculares, indaga sobre a mobilidade social e preferências de grupos, entre outros aspectos. Isso porque, afinal, a passagem entre a formação inicial e o mundo de trabalho é estruturada por aspirações individuais, a oferta de formação que se consumiu e as dinâmicas socioculturais e econômicas que, dependendo dos desfuncionamentos e desencontros, podem levar ao fracasso face ao emprego dos egressos. Assim é que, para os

liberais de plantão, a universidade está em foco quanto ao seu trabalho de formação profissional, mesmo não sendo ela a única responsável pelo sucesso na inserção.

Mas aos nos referirmos neste texto centralmente ao *mundo do trabalho*, por ser lá, por excelência, o lugar do exercício profissional, o fazemos compreendendo que primeiramente ele deve ser tomado em seu sentido mais lato, devemos reconhecer que múltiplas inserções profissionais são possíveis, sejam elas no mercado formal, ou em outras tantas figuras de “contratualização” e/ou engajamento abertas na contemporaneidade, com crescente terceirização da economia, as formas diversas de *co-working*, de contratos temporários diversos, de organização do trabalho diferenciadas no chamado terceiro setor, entre outras tantas que assumem o emprego, alterando as formas contratuais tradicionais do emprego formal. Por outro lado, é preciso dizer ainda que os campos de atuação profissional também se articulam ao território mais geral dos espaços de vida na cidade – um exercício profissional é sempre uma relação com a vida em comum e tem sempre valores de justiça social que o estruturam. Assim é que não separamos o exercício, não importa de qual trabalho, do espaço da vida em comum na cidade e do mundo da vida em geral – trabalhar em uma profissão é, em última instância, um exercício de cidadania.

Desde o início, a universidade é o lugar da profissionalização no campo do Direito, da Medicina, posteriormente incorpora a formação de outros ofícios como Engenharia e Magistério. As últimas décadas foram marcadas por uma diversificação do leque de profissões, mas essa diversificação é feita de maneira desigual, algumas preparam para empregos precisos, enquanto outras conservam uma vocação geral. Essa diversificação traz consequências importantes no interior da universidade, pois são novos públicos discentes e novos professores-pesquisadores que se integram à comunidade acadêmica trazendo demandas próprias para o interior da universidade. A Faculdade de Letras, por exemplo, ao criar um curso de Letras-Libras, traz demandas por

serviços de suporte para atender a esse público nos processos de ensino-aprendizagem, e traz desafios para a capacidade instalada como equipamento de uso coletivo da comunidade. Esses públicos novos, muitos deles entram na universidade pública brasileira pela abertura de cursos no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007, trazendo consigo expectativas e demandas específicas que precisam ser atendidas e desafios à comunidade universitária em sua cultura acadêmica.

A ideia de profissionalização exprime uma orientação de ofício (a formação desemboca sempre em uma possibilidade de inserção profissional), uma cultura de formação, tendo relação com os valores e saberes do ofício em questão, com uma prática profissional, bem como uma concepção de profissional de docência naquela especificidade profissional. É sempre uma cultura profissional, estruturada em conteúdos e métodos, que representa diplomas específicos e visa à transformação de um campo de práticas profissionais de uma comunidade de ofício que, em contrapartida, informa valores e saberes que devem orientar a formação de novos profissionais, mas a universidade que faz ensino-pesquisa e extensão deve ter uma ideia rigorosa da profissionalização que deseja formar em um diálogo permanente com os *mundos do trabalho* para a qual a formação se destina. Portanto, promover uma concepção crítica de uma profissionalização qualquer requer defini-la do ponto da universidade, mas em diálogo permanente com os profissionais em exercício, o que requer uma formação não estreitamente especializada, destinada a preparar para o conjunto da vida ativa e não unicamente para o primeiro emprego, garantindo a transferência das aquisições em formação inicial, integrando formação teórica e prática em situação e trabalho. A profissionalização em sentido largo passa pela aquisição de saberes práticos e de saberes teóricos de modo a propiciar o desenvolvimento profissional ao longo da vida. Exige, portanto, uma aquisição de

conhecimentos acumulados pela história da profissionalização, de saberes diversos provenientes do exercício prático da profissão, suas normas e regras deontológicas, traços do gênero profissional do ofício e capacidade de fazer face a situações inesperadas. Cada profissão tem um modelo de formação profissional que dialoga com suas especificidades.

Pelo que significa profissionalização, pesquisar egressos é, em parte, avaliar políticas públicas entre a formação e o trabalho, pelo nexos entre elas e pelos efeitos combinatórios que dessa relação podemos concluir sobre o papel social da universidade como formadora de novos profissionais. É avaliar políticas públicas pelo resultado alcançado, mas este resultado/objetivo da oferta de formação profissional na educação superior. É verificar o interesse e a pertinência das formações na qual a universidade investiu sua inteligência e capacidade instalada. Os resultados encontrados interrogam também o Estado e suas políticas de formação por suas finalidades, deixando entrever os liames entre formação-emprego-trabalho. Primeiramente dão pistas para compreender o que se passa entre a formação inicial superior e a inserção nos *mundos do trabalho* e/ou reconversão profissional (pois muitos de nossos jovens universitários estudam e trabalham) após o ensino superior. Ao pesquisar sobre os alunos que finalizam a formação inicial na educação superior, aqueles que adquirem um diploma, podemos compreender as dificuldades da primeira inserção, as primeiras adaptações ou os percursos posteriores, incluindo estabilizações e/ou reconversões profissionais possíveis.

Essas pesquisas, principalmente quando realizadas em modo longitudinais com base em metodologias quantitativas/qualitativas, em combinações variadas, fornecem elementos para compreender mais profundamente os processos de profissionalização que se seguem à formação inicial e, ainda, a possibilidade de refletir sobre a eficácia dos sistemas de formação inicial e sua capacidade de absorver as transformações e demandas dos mundos do trabalho, mas há limites na tentativa de antecipar

o requerido pelo mercado na tentativa de dotar o diploma de um potencial de inserção à prova das dinâmicas dos mundos do trabalho. Por outro lado, dão vistas sobre as dinâmicas do próprio mercado profissional, e análises longitudinais desvelam mobilidades horizontais e verticais onde os diplomas têm uma pertinência alta de início, mas que são agregadas por estratégias combinadas entre oportunidades que se abrem em conjunturas específicas e requerem análises micro de modo a revelar um pouco mais das estratégias dos profissionais e dramáticas escolhas que se interpõem aos sujeitos.

A literatura vem mostrando que há um momento inicial entre a escola e a primeira inserção na profissão que é crucial na conformação de horizontes profissionais (primeiros três anos). Estudos internacionais como as pesquisas do Centre d'Études et de Recherches sur les Qualifications (CEREQ) (DEFIS – Dispositif d'enquêtes sur les formations et les itinéraires des salariés e Les enquêtes génération du CEREQ – enquêtes nationales sur l'insertion professionnelle des jeunes) vêm apontando o quanto a inserção profissional é complexa por guardar relação com a situação econômica, com conjuntura política e social.¹ Têm, claro, relação com a elevação do número de diplomados em nível superior e dinâmicas específicas dos segmentos produtivos, com suas dinâmicas ligadas aos desenvolvimentos tecnológicos, nichos de mercado profissional etc. Essas circunstâncias determinam em muito a situação do ingresso podendo gerar contradições como a existência de qualificação, mas não existência do posto correspondente, fazendo com que muitas vezes se assumam postos que exijam menor qualificação e bem menos remuneração. Esse processo é diferenciado em termos de campo profissional, em termos de espaço geográfico, em termos de profissões, mas outras dimensões também operam aqui na construção de dinâmicas de inserção na vida ativa ou de reconversão profissional após a formatura. Os egressos podem escolher formas de trabalho precário em postos de trabalho pouco qualificados, muitas vezes aceitam condições por imaginar que

são temporárias ou para abrir novas vias de acesso a outros postos. As estratégias e possibilidades têm relação direta com as famílias, a origem social, étnica, a condição de gênero e experiências anteriores, ou seja, nessa inserção, e ao longo da vida ativa, cruzam-se em permanência as lógicas individuais com as conjunturas políticas, sociais e econômicas do momento em que ocorre. Cruzam-se as aspirações do indivíduo em termos de seu projeto profissional, caso ele tenha um, isso porque muitas vezes egressa da universidade sem um projeto profissional realista, sem conhecimento do tecido econômico local – dos territórios onde estão os ofícios nos quais poderia ingressar, sem muito conhecimento da realidade econômica e sociocultural do momento em que está ele em trânsito entre a universidade e os mundos do trabalho.

Posteriormente podemos observar um outro período que é de estabilização profissional, momento de aprendizagens diversas, no qual há um acúmulo de experiência importante: saberes da experiência, formação de relacionamentos e compreensão de campo de atuação e sistematização de primeiras aquisições vão se agregar à formação inicial dando mais segurança para atuar no ambiente profissional. Sabemos muito pouco sobre esse momento nas histórias profissionais nos diversos campos em que atuam os egressos. Esse momento de estabilidade, no qual os egressos constroem um “capital” profissional, é também um momento importante de projeção de novos desenvolvimentos em termos profissionais, pois já existem elementos para primeiras avaliações críticas sobre o campo e suas possibilidades abertas.

E finalmente um terceiro momento que é de consolidação das carreiras, mas isso pensando em desenvolvimento profissional regular em um mercado profissional estável com alto grau de regulação por “concertação” social. Em um contexto assim, existem variações de formação para formação que estarão, obviamente, relacionadas às intempéries econômicas e sociais. Nesse caso podemos pesquisar egressos para observar os mecanismos

diversos que contribuem na evolução dos ofícios ao longo da vida profissional: o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação; exigências sofridas por mudanças bruscas na vida sociocultural, econômica e política; elementos que compõem a formação continuada dos profissionais, políticas de promoção, composição salarial, reconhecimento e certificação profissional.

Pela inserção que encontramos em nossas pesquisas, podemos vislumbrar carreiras específicas e nelas trajetórias profissionais de grupos específicos que tecem comparabilidades diversas entre homens e mulheres, grupos étnicos e geracionais... Por outro lado, podemos perscrutar dinâmicas de reconversão profissional ao longo da vida em diversos segmentos de carreira e ainda observar mobilidades horizontais entre ramos (o que vem sendo cada vez mais usual em segmentos como a Engenharia, por exemplo), pois nem sempre há uma correspondência biunívoca entre um diploma e um posto de trabalho. Há ainda muitos entrecruzamentos entre a vida familiar e a vida profissional que tornam possíveis essas dinâmicas de carreira ao longo da vida.

Nisso o próprio mercado está em foco, seja pelo que demanda ou não, mas também pelas discriminações silenciosas que pratica, pelas interseccionalidades diversas que estabelece e pelas segmentações que determina como normas de uso da força de trabalho.

Outro aspecto relevante na pesquisa poderia ser a compreensão mais globalizante do percurso profissional e dos ingredientes que compõem finalmente a profissionalização. A natureza dos saberes adquiridos na formação inicial é distinta daquela que é agregada pela formação profissional. Fazer experiência à prova das situações concretas de trabalho cria oportunidades de aprendizagens diversas. Os saberes da experiência são de natureza diferente, ainda que muitos deles se estruturam sobre os saberes disciplinares e teóricos da formação inicial. Os saberes necessários ao exercício de qualquer atividade profissional são diversos e se mesclam ao longo das carreiras, daí a importância

de pensarmos em termos de pelo menos três grandes temporalidades na condição de egresso e como, nelas, se mobilizam, mesclam e são reconfigurados os saberes profissionais. Sabemos que, nos momentos iniciais da carreira e/ou em momentos de reestruturação dos modos de realizar um ofício ou tarefa, são preponderantes os saberes aprendidos na formação inicial, em sua base disciplinar, sendo que o estágio pode contribuir muito para amalgamar teoria-prática profissional. No início de práticas profissionais, tendemos aos saberes mais sistematizados, ficamos agarrados aos modos mais formalizados de realização do trabalho, aos prescritos. Os saberes relativos às fases de estabilização, nos quais se consolidam competências, habilidades se ancoram nesses primeiros ao serem desenvolvidos em atividades no trabalho real, representando novas aquisições para o patrimônio dos egressos. E, finalmente, a experimentação social cotidiana em vários ou em um único ofício, na mesma organização ou em várias, nos leva à maturidade e sapiência no exercício profissional. Aos poucos, sob o efeito da experiência, ganhamos automatismos, utilizamos mais a intuição e os saberes experienciais ganham amplitude nos gestos de realização das tarefas, mas também na estruturação do trabalho. Sob os saberes disciplinares da formação inicial, e com os ingredientes que são fomentados no exercício, a experiência mescla saberes técnicos, práticos, relacionais... Processo rico em novos problemas para pensar questões atuais em qualquer ofício.

Os saberes da experiência evocados são de natureza diversa com base em descrição de Borrás, Legay e Romani,² sem que possamos apresentar um leque exaustivo:

- os saberes ditos técnicos e práticos, os saberes-fazer;
- o conhecimento dos modos de funcionamento das organizações e capacidade de gerir projetos (saber mobilizar meios com um objetivo específico);
- os saberes relacionais que dizem respeito à aprendizagens empíricas na relação com os outros no trabalho, sejam colegas, chefias, clientes;

- os saberes comportamentais que auxiliam no enfrentamento dos problemas no trabalho, sejam corriqueiros e de panes, conflitos, de modo a saber como gerir uma urgência, hierarquizar prioridades, tomar decisões diversas pelos impactos que delas decorrem etc.;
- as capacidades de se posicionar profissionalmente no grupo de trabalho e em outras instâncias de regulação dos problemas de trabalho, sabendo argumentar tecnicamente, deontologicamente, tendo consciência do valor do seu trabalho para si e para o bem comum.

Mais que rupturas, há uma continuidade entre esses diversos saberes. Observar essa evolução propicia pensar melhor os desafios da formação e do trabalho.

*

Pelo exposto, o estudo sobre egressos guarda interesse estratégico para aqueles que formulam ou gerenciam as políticas públicas de trabalho e educação, bem como para as instituições responsáveis pela formação (gestores de políticas públicas, para gestores universitários e professores-pesquisadores envolvidos na gestão das formações ofertadas e para pesquisadores do campo trabalho e educação), no que eles nos permitem tirar orientações com o objetivo de:

- co-construir instrumentos de acompanhamento e favorecer a cooperação mercado-escola em um patamar mais arrojado;
- integrar objetos novos fazendo avançar a pesquisa sobre desenvolvimento profissional;
- criar grupos de pesquisa interdisciplinar e transdisciplinar;
- aprimorar métodos de análise de inserção;
- tirar partido para governança na gestão universitária no âmbito dos cursos e suas reformas curriculares e/ou de políticas estudantis, de prioridades de investimento em infraestrutura e formação de pessoal, para prospectar reformas diversas no interior da universidade;

- avaliar evolução dos ofícios e fomentar mecanismos de profissionalização.

Em síntese, as pesquisas sobre egressos fazem sentido para retornar aos cursos questões sobre os percursos da formação inicial, articulando melhor os saberes adquiridos e desempenho profissional em situações diversas, o que exige pensar a formação profissional mais geral e menos especializada, investindo na adaptabilidade e mobilidade profissional.

Há um grande interesse, também dos próprios formandos, em conhecer egressos e pesquisas sobre egressos. Eles podem melhor prospectar seus planos de futuro e melhor planejar percursos de formação contínua ao longo da carreira profissional: planejar inserção, antecipar riscos, compreender as dinâmicas do segmento do mercado de trabalho ou profissão na qual vão se integrar, identificar evoluções, tendências e oportunidades. Sejam pesquisas quantitativas que mostrem evolução da profissão em grandes enquadramentos temporais, sejam pesquisas qualitativas que desnudem variedade de situações de emprego da profissionalização para qual estão se formando. Eles partem com recursos que a universidade julga importantes para inserção laboral e desenvolvimento profissional: um conjunto de saberes profissionais (entre eles alguns conhecimentos científicos do campo epistêmico daquela profissão) e competências e habilidades técnicas necessárias ao que se compreende das boas práticas no exercício profissional. A experiência dos egressos, já no mercado profissional, os atualiza quanto às dinâmicas do exercício profissional.

Observar a evolução profissional com base na pesquisa sobre egressos, na passagem entre a formação inicial e o trabalho ao longo da vida propicia pensar diversos aspectos em campos disciplinares diferentes, o que nos convoca ao trabalho de pesquisa e de formação em uma perspectiva de cooperação transdisciplinar.

NOTAS

¹ www.cereq.fr

² Isabelle Borrás, Agnès Legay e Claudine Romani, Les choix d'orientation à l'épreuve de l'emploi, *CEREQ*, Marseille, n. 30, déc., 2007, p. 18.